

**Tratado
do Amor de Deus**

Também na Editorial AO:

Confissões (14.^a ed.)

Santo Agostinho

Exercícios Espirituais

Santo Inácio de Loiola

Autobiografia (2.^a ed.)

Santo Inácio de Loiola

São Francisco de Sales

**Tratado
do Amor de Deus**



EDITORIAL A.O.

**Tradução sobre a edição crítica publicada pelas
RELIGIOSAS DA VISITAÇÃO D'ANNECY**

revista por

P. AUGUSTO DURÃO ALVES, SJ

e publicada por

Livraria Apostolado da Imprensa – Porto

(1958)

**A presente edição, a 1.ª pela Editorial AO,
reproduz o texto da edição acima referida
revisto e atualizado por
JOÃO AZEVEDO MENDES**

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Publito, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal

481817/21

ISBN

978-972-39-0913-5

Abril de 2021

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

NOTA

A presente versão portuguesa do *Tratado do Amor Deus* de São Francisco de Sales é feita sobre a tradução publicada em 1908 no Porto, cuidadosamente revista e cotejada com a edição francesa de 1894 (Annecy), a qual, por sua vez, reproduz o texto da edição *princeps* de 1616, a única de que o Autor tem a responsabilidade.

O original autógrafo desta obra encontra-se disseminado por cadernos e folhas soltas manuscritas, que acusam numerosas variantes, desde os manuscritos primitivos até à redação definitiva. Isto explica uma ou outra divergência que possa ser notada entre a presente versão e o texto francês, que porventura venha a cair nas mãos dos leitores.

P. Augusto Durão Alves, sj

ORAÇÃO DEDICATÓRIA

SANTÍSSIMA Mãe de Deus, vaso espiritual, rainha do amor divino, sois a mais amável, a mais amante e a mais amada de todas as criaturas. O Senhor, desde toda a eternidade, pôs em vós as suas complacências, destinando o vosso puríssimo Coração ao santo amor, para que um dia amásseis o seu Filho único, como mãe, como Ele o amou eternamente como Pai. Ó Jesus, a quem posso melhor dedicar as palavras do vosso amor do que ao Coração amabilíssimo da querida da vossa alma?

Mas, ó Mãe gloriosa, como contemplar a vossa Majestade sem ver aquele que vosso Filho quis tantas vezes, por amor de vós, honrar com o título de pai, tendo-vos ligado a ele, para ser o vosso auxiliar e cooperador no cargo da direção e da educação da sua divina infância? Grande São José, Esposo amadíssimo da Mãe do Bem-Amado, oh!, quantas vezes tivestes em vossos braços o Amor do Céu e da terra; quantas vezes, abraçado pelos ternos amplexos e os doces ósculos deste divino Menino, sentistes a vossa alma enternecer-se de amor quando o ouvíeis carinhosamente dizer-vos (e com que suavidade, meu Deus!) que éreis o seu grande amigo e o seu querido pai!

Assim como as lâmpadas do templo de Jerusalém repousavam sobre flores de açucenas de ouro¹, tam-

bém eu, ó Maria e José, par sem igual, lírios sagrados de incomparável formosura, entre os quais o Bem-Amado se delicia² e apascenta todos os seus amantes!, se alguma esperança tenho de que este escrito de amor possa esclarecer e inflamar os meus irmãos, filhos da luz³, onde o colocarei melhor do que entre os vossos lírios que tão soberanamente deleitaram o meu Deus, Sol de Justiça, clarão de luz eterna⁴, que neles pôs as complacências do inefável amor do seu Coração para connosco!

Ó Mãe amadíssima do Bem-Amado! Ó Esposo amadíssimo da Bem amada!, prostrado no pó da terra, ante os pés que tantas vezes conduziram o meu Salvador, ofereço, dedico e consagro este pequeno trabalho de amor à imensa grandeza da vossa dileção. Suplico-vos, pelo Coração do vosso amabilíssimo Jesus, Rei dos corações e que os vossos adoram, abrasai minha alma e as de todos que lerem este escrito no Espírito Santo, para que imolemos de hoje em diante em holocausto todos os nossos afetos à sua divina Bondade, para viver, morrer e reviver para sempre nas chamas deste celeste fogo que o vosso Filho e Senhor nosso tanto desejou acender nos corações⁵, não cessando de trabalhar e de suspirar para este fim até à morte e morte de cruz⁶.

NOTAS

¹ 1 Rs 7, 49. ² Ct 6, 2. ³ Lc 16, 8. ⁴ Sb 7, 25-26. ⁵ Lc 12, 49. ⁶ Flp 2, 8.

VIVA † JESUS

PREFÁCIO

O Espírito Santo ensina que os *lábios* da divina Esposa, isto é, da Igreja, se assemelham a *uma fita de escarlate* ou ao *favo que destila doçura*¹, para que todos saibam que a doutrina que ela anuncia se resume no sagrado amor.

A Igreja, banhada pelo sangue de Jesus, é mais viva e brilhante que o escarlate, é mais suave que o mel, por causa da doçura do Bem-Amado que a inunda de *delícias*². Por isso, este celeste Esposo, ao começar a publicação da sua Lei, fez descer sobre os discípulos – seus pregoeiros –, grande número de línguas de fogo, mostrando assim que o Evangelho era destinado a abrasar os corações.

É um quadro admirável contemplar as pombas, tão belas, expostas aos raios do sol. Vede: mudam de cor, segundo as diversas posições em que as examinamos, porque as suas penas são tão sensíveis à luz que o sol, dardejando-as, forma uma surpreendente variedade de matizes; cores tão agradáveis que excedem em formosura o esmalte das mais preciosas pedrarias; tão deslumbrantes e tão delicadamente douradas que o seu ouro as

torna mais vivamente coloridas. É por isso que o Profeta-Rei diz aos Israelitas³:

Seja embora a vossa face macerada pela dor,
Como as asas da pombinha doravante se há de ver,
Quando aos raios do sol expostas, variando a sua cor,
Ora de prata, ora de ouro parecem as penas ser.

Na verdade, a Igreja tem uma rica variedade de instruções, sermões, tratados e livros piedosos, todos belos e agradáveis porque o Sol da Justiça mistura admiravelmente os raios da sua divina Sabedoria com as línguas dos Pastores, que são as suas penas, e com suas penas que, por vezes, fazem também de línguas, e são a rica plumagem desta pomba mística⁴. Contudo, por entre a diversidade de cores da doutrina, que a Igreja publica, descobre-se por toda a parte o precioso ouro da santa dileção, iluminando com seu incomparável brilho toda a ciência dos Santos e erguendo-a acima de qualquer outra ciência.

Tudo na Igreja procede do amor, radica no amor, tende ao amor e vive do amor.

Assim como do sol provém toda a claridade do dia, embora digamos usualmente que o sol não alumia senão quando dardeja seus raios a descoberto, assim também, ainda que toda a doutrina cristã provenha do amor sagrado, só chamamos Tratado de amor divino àquela parte da teologia

que se refere à origem, à natureza, às propriedades e às operações deste amor.

Muitos autores têm admiravelmente tratado este assunto, sobretudo os antigos Padres. Porque amavam a Deus, falavam divinamente do seu amor.

Como é bom ouvir falar das coisas do Céu a um São Paulo, que as aprendeu no próprio Céu⁵! Como é agradável ver almas alimentadas no seio da dileção escreverem da sua santa suavidade!

Por isso mesmo, entre os escolásticos, os que mais e melhor discorreram sobre esta matéria, mais eminentes foram em piedade.

São Tomás deixou-nos um tratado digno de São Tomás; São Boaventura e o beato Dionísio Cartuxo escreveram vários, por diversos títulos, excelentes. Quanto a João de Gerson, chanceler da Universidade de Paris, Sixto Siense fala dele desta sorte⁶: «Tão dignamente discorreu sobre as cinquenta propriedades do amor divino, recolhidas do *Cântico dos Cânticos*, que parece só ele ter dado conta dos afetos do amor de Deus».

Mas, para que se saiba que esta espécie de escritos procede mais de almas devotas do que de inteligências ilustradas, o Espírito Santo quis que muitas mulheres operassem maravilhas neste capítulo. Quem jamais exprimiu melhor as celestes paixões do amor sagrado do que Santa Catarina de Génova, Santa Ângela de Foligno, Santa Catarina de Sena? Nestes nossos dias, e sobre esta

matéria, muitos escreveram, cujos livros não tive ocasião de ler, senão pela rama, tanto quanto se requeria para ver se este teria ainda lugar. O P. Luís de Granada, esse grande doutor da piedade, incluiu no seu *Memorial* um *Tratado do Amor de Deus* que basta ser de tão bom autor para merecer recomendação. Diogo Estella, da Ordem de São Francisco, escreveu um outro, grandemente afetivo e útil para a oração. Cristóvão da Fonseca, religioso agostinho, publicou um ainda maior, em que diz muito belas coisas. O P. Luís Richone, jesuíta, também escreveu um livro intitulado *Arte de Amar a Deus* pelas criaturas, e é este autor tão amável na sua pessoa e nos seus escritos que não pode duvidar-se de que o seja mais ainda falando do próprio amor.

O P. João de Jesus Maria, da Ordem dos Carmelitas Descalços, compôs também um livrinho que tem igualmente o título de *Arte de Amar a Deus* e é muito apreciado. Também o grande e célebre cardeal Belarmino deu há pouco à publicidade um pequeno livro intitulado *Escada para Subir até Deus pelas Criaturas*, que não pode deixar de ser admirável, saindo daquela sapientíssima mão e devotíssima alma, que tanto e tão doutamente escreveu para bem da Igreja.

Nada direi do *Parenético*, dessa torrente de eloquência que corre por toda a França em numerosos e variados sermões e belos escritos. A estreita consanguinidade espiritual que a minha alma con-

traíu com a sua quando, por imposição de minhas mãos, recebeu o caráter episcopal, para felicidade da diocese de Belley e honra da Igreja, além de mil laços de sincera e recíproca amizade, não permitem que eu fale, sem me tornar suspeito, de suas obras, entre as quais o *Parenético do Amor Divino* foi um dos principais jorros da inigualável torrente espiritual que todos nele admiramos.

Há ainda o grande e magnífico *Palácio* que o rev. P. Lourenço de Paris, da Ordem dos Capuchinhos, levantou em honra do amor divino e que, uma vez acabado, será um curso completo da ciência de bem amar.

Finalmente, a bem-aventurada Teresa de Jesus escreveu tão bem das sagradas moções do amor em todos os livros que nos deixou, que nos encanta ver tanta eloquência em tão grande humildade, tanta energia de espírito em tanta simplicidade; a sua sapientíssima ignorância faz parecer ignorantíssima a ciência de muitos letrados, que, cansados de tanto estudo, sofrem a vergonha de não entenderem o que ela escreveu, com tanta felicidade, acerca da prática do amor divino. Assim Deus levanta o trono do seu poder sobre o pedestal da nossa fraqueza, servindo-se dos *fracos para confundir os fortes*⁷.

Este tratado que te apresento, meu caro leitor, está bem longe de todos esses excelentes livros, nem espera poder alcançá-los; porém, confio tanto na proteção dos dois Amantes celestes a quem

o dedico que, espero, poderá prestar-te ainda algum serviço. Neste depararás com muitas considerações que não te seria fácil encontrar noutros livros; como também encontrarás noutros muitas boas coisas que não estão expostas neste. O meu desígnio é muito especial. Eu tenho em vista apresentar simples e singelamente, sem arte e ainda mais sem artifício, a história do nascimento, do progresso, da decadência, das operações, propriedades, vantagens e excelências do amor divino. Se algumas outras coisas aqui encontrares, são meras excrescências que é quase impossível evitar, quando se escreve, como eu, entre muitas distrações e interrupções. Quero crer, todavia, que nada ficará sem alguma utilidade. A natureza, que é tão sábia obreira, para produzir uvas cria ao mesmo tempo, por prudente inadvertência, tão grande número de parras e rebentos que poucas vinhas há que, na estação competente, não precisem de ser desfolhadas e esladroadas.

Tratam-se muitas vezes os escritores com excessiva rudeza; proferem-se contra eles juízos precipitados e, a maior parte das vezes, mais impertinentes do que a ousadia praticada por eles publicando os seus escritos.

Um juízo precipitado põe sempre em grande risco a consciência dos juízes e a inocência dos acusados: se muitos escrevem nesciamente, muitos censuram sem razão. A benevolência dos leitores torna suave e útil a leitura. Para que sejas favorável,

caro leitor, quero explicar-te alguns pontos que, sem estas reflexões, poderiam indispor-te comigo.

Alguns notarão, talvez, que eu disse demais e que não era necessário ir até à raiz do assunto; porém, eu penso que o divino amor é uma planta semelhante à que nós chamamos angélica⁸, cuja raiz é tão odorífera e salutar como o tronco e as folhas. Os quatro primeiros livros, e alguns capítulos mesmo dos outros, poderiam ser facilmente omitidos ao arbítrio das almas que não procuram senão a prática da santa dileção; mas tudo isto lhes será muito útil, se o lerem devotamente. Muitas outras pessoas reprovariam o não ter aqui apresentado tudo o que respeita ao Tratado do Amor de Deus.

Nisto tive em consideração a índole dos espíritos deste século, e assim o devia fazer: porque importa muito não perder de vista a época em que se escreve.

Cito algumas vezes a Sagrada Escritura com termos diferentes dos da edição vulgar.

Meu caro leitor, não me faças por isso a injustiça de julgar que quero afastar-me desta edição; não, mil vezes não, porque sei que o Espírito Santo a autorizou pelo sagrado Concílio de Trento e que por isso devemos todos aceitá-la. Emprego as outras versões unicamente em serviço desta, e quando elas explicam e confirmam o seu verdadeiro sentido. Por exemplo, o que o Esposo celeste diz à sua Esposa: *Tu feriste o meu coração*⁹, é perfeitamente

esclarecido pela outra versão¹⁰: *Tu me roubaste o coração* ou *Tu atraíste e arrebataste o meu coração*.

O que Nosso Senhor diz¹¹: *Bem-aventurados os pobres de espírito* é aclarado pela versão grega: *Bem-aventurados os mendigos de espírito*. Assim nos outros textos.

Cito muitas vezes os salmos em verso, com o fim de recrear o teu espírito e pela facilidade que tive de o fazer, servindo-me da excelente tradução de Filipe (Des-Portes), abade de Tyron¹², do qual contudo me afastei algumas vezes, mas não por me julgar capaz de fazer versos melhores do que os deste célebre poeta, pois seria ousadia inqualificável da minha parte, se, não tendo nunca pensado sequer em tal forma literária, presumisse escrevê-los numa idade e condição que me obrigaria a afastar-me desse campo, se nele alguma vez tivesse entrado.

Em certas passagens, que poderiam oferecer diversos sentidos, não segui os seus versos por não querer seguir o seu sentido.

Assim, no salmo 132 ele traduziu uma palavra latina por *franjas* do vestido e eu entendo que deve ser *gola*; por isso, traduzi a meu modo.

Não digo coisa alguma que não tivesse aprendido dos outros, mas ser-me-ia impossível recordar-me de quem recebi cada coisa em particular. Afirmo, porém, que se tivesse extraído de qualquer autor trechos importantes e dignos de atenção, a minha consciência me impunha o dever de prestar

o louvor que merecesse. Para que não haja dúvidas sobre a minha sinceridade, advirto que o capítulo XIII do sétimo Livro é tirado de um sermão que preguei em Paris, em Saint-Jean-em-Grève, no dia da Assunção de Nossa Senhora, em 1602.

Nem sequer me cingi a um método rigoroso na sequência dos capítulos; contudo, com alguma atenção, acharás facilmente os nós que os ligam. Nisto tive todo o cuidado de poupar o meu tempo e a tua paciência. Quando publiquei a *Introdução à Vida Devota*, o senhor arcebispo de Viena, Pedro de Villars, fez-me a fineza de me escrever em termos tão encomiásticos para este opúsculo e para mim que nunca ousarei revelá-los. Exortava-me a aplicar, quanto me fosse possível, as horas vagas a este género de trabalho e, entre muitos e importantes conselhos com que me honrou, disse-me que observasse sempre, tanto quanto o assunto o permitisse, a brevidade dos capítulos; porque, diz ele, assim como os viajantes, quando têm notícia de que há um belo jardim a vinte ou vinte e cinco passos do seu itinerário, se desviam facilmente para o irem ver, o que não fariam se o julgassem mais afastado, assim também aqueles que sabem que um capítulo é breve o leem de boa vontade, o que não fariam, por atraente que o assunto fosse, se precisassem de muito tempo para terminar a sua leitura. Tive, pois, motivo de seguir neste ponto a minha inclinação, pois que ela mereceu a aprovação deste preclaro varão, que foi

um dos mais santos prelados e dos mais ilustres doutores que a Igreja possuiu no nosso século e era, quando me honrou com a sua carta, o decano dos doutores da faculdade de Paris.

Não há muito tempo que um grande servo de Deus me avisou de que o ter dirigido à *Filoteia* os meus conselhos da *Introdução à Vida Devota* tinha feito com que muitos homens a não tivessem lido, porque não julgavam digno da leitura dum homem os conselhos dirigidos a uma mulher. Não pude deixar de admirar que houvesse homens que, por quererem parecer homens, se mostrassem tão pouco homens, pois vê tu, caro leitor, se a devoção não é igual para os homens e para as mulheres e se não devemos ler com igual atenção e respeito a segunda Epístola de São João dirigida à santa matrona Electa, como a terceira que ele destina a Caio, e se milhares de cartas ou de excelentes tratados dos antigos Padres da Igreja devem considerar-se inúteis aos homens por terem sido dirigidos a santas mulheres daquele tempo!

Mas, além disto tudo, é à alma que aspira à devoção que eu chamo *Filoteia*, e os homens têm uma alma como as mulheres. Entretanto, para nisto imitar o grande Apóstolo, que se considerava devedor a todos¹³, mudei o endereço neste Tratado e dirijo-me a *Teotimo*: e se por acaso houvesse mulheres (e este disparate seria mais compreensível nelas...) que não quisessem ler as instruções que se fazem a um homem, rogar-lhes-ia

que refletissem que o *Teotimo* a quem me dirijo é o espírito humano, que deseja fazer progressos no amor de Deus, espírito que está igualmente nas mulheres como nos homens.

Este Tratado é feito para ajudar a alma já devota a aperfeiçoar-se e, por isso, fui obrigado a dizer muitas coisas um pouco menos conhecidas do vulgo e que, por consequência, parecerão mais obscuras; o fundo da ciência é sempre um pouco mais difícil de sondar e encontram-se poucos mergulhadores que queiram e saibam ir colher as pérolas e outras pedras preciosas nos abismos do oceano. Mas, se tiveres verdadeira coragem para aprofundar este escrito, acontecer-te-á o mesmo que aos mergulhadores, os quais, segundo diz Plínio¹⁴, quando «estão nos profundos abismos do mar, veem ali claramente a luz do sol»; porque encontrarás nos pontos mais difíceis deste Tratado uma boa e aprazível clareza. Nem quis seguir aqueles que desprezam certos livros que tratam de um género de vida de perfeição supereminente, nem a ela me referir, porque não posso censurar os autores, nem autorizar os censores de uma doutrina que não entendo.

Toquei em muitos pontos de teologia, mas sem espírito de crítica, propondo simplesmente não tanto o que noutro tempo aprendi em discussões, mas o que a experiência no serviço das almas e o emprego de vinte e quatro anos na santa pregação me fizeram julgar como mais conveniente à glória do Evangelho e da Igreja.

Finalmente, algumas pessoas notáveis de diversos lugares avisaram-me que alguns opúsculos têm sido publicados com as iniciais do nome de seus autores, iguais às do meu, o que fez escandalizar a alguém, julgando que eu me houvesse desviado da minha simplicidade, para encher o meu estilo de palavras pomposas, de conceitos mundanos e de rendilhados duma eloquência arrogante e enfatuada.

A este respeito dir-te-ei, meu caro leitor, que assim como os que talham ou lapidam pedras preciosas, cansando a vista à força de a aplicarem às linhas delicadas do seu trabalho, têm sempre diante de si alguma formosa esmeralda para a fitarem de tempos a tempos e descansarem na sua cor verde os olhos enfraquecidos para tomarem novo vigor, assim também, na variedade de negócios a que a minha condição me obriga necessariamente a aplicar-me, tenho sempre pequenos planos de algum tratado de piedade com que me entretenho, quando posso, para aligeirar e distrair o espírito.

Mas isto não quer dizer que faça profissão de escritor, porque nem a fraqueza do meu espírito, nem as obrigações do meu cargo, exposto a servir e atender uma infinidade de pessoas, mo permitiriam. Por esta razão, tenho escrito muito pouco e publicado ainda menos, e só para seguir o conselho e a vontade de meus amigos. Digo isto para que não atribuas o louvor que merece o

trabalho dos outros a quem não merece nenhum pelo seu próprio.

Há dezanove anos, achando-me em Thonon, pequena cidade nas margens do lago de Genebra, que então se convertia pouco a pouco à fé católica, o ministro, adversário da Igreja, clamava por toda a parte que o dogma católico da presença real do Corpo do Salvador na Eucaristia destruía o Símbolo e a analogia da fé (era muito fácil dizer esta palavra analogia, incompreensível para os ouvintes, com o fim de parecer muito sábio); e, por isso, os outros pregadores, com os quais estava, me encarregaram de escrever, refutando esta tolice.

Fiz o que me pareceu conveniente, redigindo uma breve meditação sobre o Símbolo dos Apóstolos para confirmar a verdade, e todas as cópias foram distribuídas nesta diocese, onde já não encontro nenhuma.

Pouco depois, Sua Alteza¹⁵ veio de França e encontrando os bailios do Chablais, Gaillart e Ternier, situados nos arrabaldes de Genebra, meio dispostos a receberem a santa religião católica, que lhes tinha sido roubada pela desgraça das guerras e revoltas, havia perto de setenta anos, resolveu este príncipe restabelecer o seu culto em todas as paróquias, abolindo a heresia; e como, de um lado, havia grandes dificuldades para realizar este feliz propósito, pelas considerações a que se dá o nome de razões de Estado, e, por outra parte, alguns, ainda não bem instruídos na verdade, resistiam

a este tão desejado restabelecimento, Sua Alteza venceu o primeiro obstáculo pela firmeza invencível do seu zelo pela santa religião e o segundo por uma suavidade e prudência extraordinárias. Reuniu os principais e mais obstinados, falou-lhes com eloquência tão amável e cativante que, quase todos, vencidos pela doce violência do seu amor paternal, depuseram aos seus pés as armas da sua contumácia e entregaram as suas almas nas mãos da santa Igreja.

De passagem, seja-me permitido dizer-te o seguinte: podem louvar-se muito as nobres ações deste grande príncipe, entre as quais brilha a prova da sua bravura e ciência militar que a Europa inteira admira; a mim, o que mais me admira é o restabelecimento da santa religião nos três bailios já mencionados. Por esta ocasião, fui testemunha de muitos rasgos de piedade, harmonizados com uma admirável prudência, constância, magnanimidade, justiça e benevolência, parecendo-me ver, como num quadro em miniatura, tudo o que se diz em louvor dos príncipes que outrora trabalharam mais ardentemente para a glória de Deus e da Igreja; o campo era pequeno, mas as ações eram grandes. E como aquele antigo artífice¹⁶ que não foi tão estimado pelas suas obras de grande vulto, como admirado por ter feito um navio em marfim, provido de toda a equipagem, em tão pequeno volume que as asas duma abelha o cobriam todo, assim também aprecio mais o que este grande príncipe realizou então

naquele cantinho dos seus Estados do que os altos feitos que muitos exaltam até às nuvens.

Por esta ocasião, erigiram-se por todas as avenidas e praças públicas daquelas cidades as vitoriosas insígnias da cruz; e entre elas levantou-se uma, muito solenemente, em Annemasse, perto de Genebra. Um ministro protestante escreveu um pequeno tratado contra a honra devida à cruz, contendo uma invetiva violenta e venenosa que devia ser refutada. Monsenhor Cláudio de Granier, meu predecessor, de santa e saudosa memória, encarregou-me de lhe responder, ao que obedeci não só por ser o meu bispo, mas, além disso, um santo servo de Deus. Escrevi a refutação com o título de *Defesa do Estandarte da Cruz* e dediquei-a a Sua Alteza, em parte para lhe testemunhar a minha humilde submissão e em parte para lhe agradecer o cuidado que havia tido da Igreja naquelas localidades.

Pouco depois, reimprimiram esta Defesa com o honroso título de *Pantalogia ou Tesouro da Cruz*, título em que eu nunca teria pensado, porque não tenho estudos, nem tempo, nem memória para poder reunir documentos tão importantes num livro que merecesse o título de *Tesouro* ou de *Pantalogia*; estes frontispícios arrogantes fazem-me horror:

É bem louco o arquiteto que, privado de razão,
Faz o portal maior do que toda a construção.

No ano de 1602 celebraram-se em Paris, onde eu estava, as exéquias do magnânimo príncipe Filipe Emanuel, de Lorena, duque de Mercoeur, o qual havia realizado tão grandes façanhas contra os Turcos na Hungria que todos os cristãos concorreram para honrar a sua memória. Mas foi principalmente a duquesa Maria de Luxemburgo, sua viúva, que fez tudo o que a sua coragem e o amor que consagrava ao finado lhe sugeriam para solenizar estes funerais; e como meu pai, meu avô e meu bisavô tinham sido pajens dos príncipes de Martigues, seus predecessores, considerava-me como servo hereditário da sua casa e por isso me escolheu para fazer a oração fúnebre nesta notável solenidade, a que afluíam, não só muitos cardeais e prelados, mas ainda grande número de príncipes, princesas, marechais de França, cavaleiros de Ordem e até o Parlamento. Compus, pois, este discurso e o pronunciei nesta respeitável assembleia, na grande igreja de Paris; e, como ele encerrasse um verdadeiro resumo dos feitos heroicos do defunto príncipe, imprimi-o, porque a princesa viúva mostrou desejos disso e os seus desejos para mim eram ordens. Dediquei este trabalho à senhora duquesa de Vendôme, então ainda donzela e muito novel princesa, mas em quem se divisavam já traços da primorosa virtude e piedade que hoje nela reluzem, dignas da família e da educação da sua tão devota e piedosa mãe.

Quando se imprimia esta oração chegou-me a notícia de que estava nomeado bispo, o que me obrigou a vir imediatamente para aqui, para ser sagrado e começar a minha residência. Logo no princípio me notaram a necessidade que havia de advertir os confessores sobre alguns pontos importantes do seu ministério, por isso redigi vinte e cinco *Avisos* que mandei imprimir para fazer chegar mais facilmente às mãos daqueles a quem os dirigia. Mais tarde foram reimpressos em diversos lugares.

Três ou quatro anos depois, publiquei a *Introdução à Vida Devota*, pelos motivos e da maneira que já declarei no seu Prefácio; e nada tenho a dizer-te a respeito deste opúsculo, meu caro leitor, senão que, se recebeu, em geral, favorável e lisonjeiro acolhimento, mesmo entre os mais graves prelados e doutores da Igreja, não foi contudo isento de áspera censura por parte de alguns que não só me criticaram, mas até me injuriaram rudemente em público, por eu ter dito à Filoteia que os bailes em si mesmo são ações indiferentes, e que nas conversas se admitem gracejos. Como conheço a qualidade destes censores, louvo-lhes muito a intenção, porque creio que foi boa, mas desejava que notassem: que a primeira proposição é extraída da doutrina verdadeira e geral dos mais santos e doutos teólogos; que escrevia para pessoas que vivem no mundo e nas cortes; e que, além disso, inculcava cuidadosamente o grande perigo que

se encontra nas danças. Quanto à segunda proposição, com respeito aos gracejos, também não é minha, mas sim do admirável rei São Luís, doutor digno de ser seguido na arte de bem dirigir os cortesãos na vida devota. Creio bem que se tivessem ponderado tudo isto, a sua caridade e discrição não teriam nunca permitido ao seu zelo, embora rigoroso e austero, indignar-se contra mim.

Por todos estes motivos, te suplico, meu caro leitor, que me sejas benévolo e indulgente na leitura deste *Tratado*: se achares o estilo um pouco (parece-me que será muito pouco) diferente do que usei escrevendo a *Filoteia*, e ambos muito diversos do que empreguei na *Defesa da Cruz*, lembra-te que em dezanove anos aprendem-se e desaprendem-se muitas coisas; que a linguagem da guerra é diferente da linguagem da paz e que se fala de uma maneira aos jovens aprendizes e de outra aos velhos camaradas.

Aqui dirijo-me às almas adiantadas na devoção; porque é preciso que te diga que temos nesta cidade uma Congregação de donzelas e viúvas, que, retiradas do mundo, vivem unanimemente no serviço de Deus, sob a proteção da Sua Mãe Santíssima; e como a sua pureza e piedade de espírito me têm proporcionado grandes consolações, impus-me o dever de as recompensar distribuindo-lhes frequentemente a sagrada palavra, que lhes tenho anunciado tanto em sermões públicos como em colóquios espirituais e

quase sempre na presença de muitos religiosos e de pessoas altamente piedosas: foi-me, pois, preciso tratar muitas vezes dos mais delicados pontos de piedade, indo além do que havia dito a Filoteia. E uma boa parte do que aqui te comunico devo-o a esta abençoada comunidade, porque a superiora que a ela preside, sabendo que escrevo sobre este assunto e que dificilmente poderia levar ao fim esta tarefa se Deus me não ajudasse de uma maneira especial, e se eu não fosse continuamente animado a fazê-lo, teve um cuidado muito particular de orar e mandar orar sem cessar por esta intenção, suplicando-me santamente que aproveitasse todos os bocadinhos que tivesse de vago, ou que pudesse tirar às minhas obrigações, para os empregar neste trabalho. Como respeito esta alma de uma maneira que só Deus sabe, não teve ela pouco poder para animar a minha neste propósito.

Há muito tempo que projetava escrever sobre o amor sagrado, mas este projeto estava muito longe de se realizar se não fossem os motivos apontados e que te descubro singelamente à maneira dos antigos, para que saibas que não escrevo senão por circunstâncias eventuais, e assim me sejam mais benévolo. Dizia-se entre os gentios que Fidias nada esculpia tão genialmente como as divindades, nem Apeles pintava coisa alguma como o retrato de Alexandre. Nem sempre se colhem resultados iguais: se sou breve neste Tratado, meu

caro leitor, faz tu por adiantar na bondade e Deus abençoará a tua leitura.

Por tal razão dediquei esta obra a Nossa Senhora e a São José, como já havia dedicado a *Introdução* ao Divino Menino que é o salvador dos amantes e o amor dos salvados. Pois, assim como as mulheres, enquanto novas, escolhem ordinariamente para padrinhos de seus filhos os amigos da terra, e, quando a sua fraqueza e falta de saúde lhes torna difíceis e perigosos os trabalhos da maternidade, invocam os santos do Céu e prometem convidar um pobre ou uma pessoa devota, em nome de São José, São Francisco de Assis, São Francisco de Paula, São Nicolau, ou qualquer outro bem-aventurado que possa impetrar de Deus o seu feliz sucesso; assim também eu, antes de ser bispo, como tinha mais vagar e menos desassossego para escrever, dedicava os meus modestos trabalhos aos príncipes da terra. Agora que me vejo oprimido pelo meu cargo e encontro mil embaraços para escrever, não consagro nada senão aos príncipes do Céu, para que eles me alcancem a luz de que necessito e, se isto for do seu agrado, para que estes escritos tenham um nascimento frutuoso e útil a muitos.

Deus te abençoe, meu caro leitor, e te faça rico do seu santo amor. Submeto, porém, sempre e de todo o meu coração os meus escritos, as minhas palavras e as minhas ações à correção da Santíssima Igreja Católica, Apostólica e Romana, porque

sei que ela é a *coluna e firmamento da verdade*¹⁷, da qual não pode afastar-se nem separar-se, e que «ninguém pode ter a Deus por Pai, quando não tem esta Igreja por Mãe»¹⁸.

Annecy, no dia dos amantíssimos Apóstolos São Pedro e São Paulo, 1616.

BENDITO SEJA DEUS

NOTAS

¹ *Ct* 4, 3.11.

² *Ct* 7, 5.

³ *Sl* 67, 14.

⁴ *Sl* 44, 2.

⁵ *2 Cor* 12, 4.

⁶ *Biblioteca dos Santos*, liv. 4.

⁷ *1 Cor* 1, 27.

⁸ *Angélica-arcangélica*, planta muito estimada pelas suas propriedades medicinais e aroma. (NT)

⁹ *Ct* 4, 9.

¹⁰ A versão grega dos Setenta.

¹¹ *Mt* 5, 3.

¹² Des-Portes (1546-1606). *Os 150 Salmos de David postos em verso francês por Philippe (Des-Portes). Com algumas obras cristãs e orações do mesmo autor*. Rouen, Raphael du petit Val, 1594. (NT)

¹³ *Rm* 1, 14.

¹⁴ Plínio, *História Natural*, liv. II, cap. XLVII.

¹⁵ São Francisco de Sales refere-se aqui ao príncipe Carlos Emanuel, duque dos estados da Saboia, de que o Chablais fazia parte. (NT)

¹⁶ Myrmecides. Cf. Plínio, *ob. cit.*, liv. VII, cap. XXI.

¹⁷ *1 Tm* 3, 15.

¹⁸ *Sermão III sobre o Símbolo dos Apóstolos*, atribuído a Santo Agostinho.

ÍNDICE

<i>Nota</i>	7
<i>Oração dedicatória</i>	9
<i>Prefácio</i>	11

LIVRO PRIMEIRO

Contendo uma preparação de todo o Tratado

I	Para beleza da natureza humana, Deus concedeu à vontade o governo de todas as faculdades da alma	33
II	A vontade dirige de diversos modos as potências da alma	36
III	A vontade governa as paixões	39
IV	O amor domina todas as afeições e paixões e dirige mesmo a vontade, ainda que esta tenha também domínio sobre ele	44
V	Dos afetos da vontade	47
VI	O amor de Deus domina os outros amores	51
VII	Descrição do amor em geral	53
VIII	De onde se origina o amor?	59
IX	O amor aspira à união	62
X	A união para que o amor tende é toda espiritual	66
XI	Em que sentido podemos dizer que há duas partes na alma humana?	74
XII	Nestas duas partes da alma há quatro diferentes graus de razão	79
XIII	Divisão do amor	83
XIV	À caridade deve chamar-se amor	85
XV	Da conveniência que há entre Deus e o homem	86
XVI	Temos uma inclinação natural para amar a Deus sobre todas as coisas	90
XVII	Não temos naturalmente o poder de amar a Deus sobre todas as coisas	92

XVIII	Não é inútil a inclinação que temos de amar a Deus	95
-------	--	----

LIVRO SEGUNDO

Origem do amor divino

I	As perfeições divinas formam uma perfeição única e infinita	103
II	Deus é ato puro	107
III	Da Providência divina em geral	112
IV	Da Providência sobrenatural que Deus exerce para com as criaturas racionais	117
V	A Providência divina proporcionou aos homens uma redenção abundantíssima	122
VI	De algumas graças especiais concedidas pela divina Providência na redenção dos homens	125
VII	A Providência divina é admirável na diversidade de graças que distribui aos homens	129
VIII	Quanto Deus deseja que o amemos	133
IX	O eterno amor de Deus para conosco dispõe os nossos corações, por sua inspiração, para que o amemos	137
X	Muitas vezes repelimos a inspiração e recusamos amar a Deus	141
XI	Não depende da divina Bondade o não termos um grande amor	145
XII	A graça divina deixa-nos a plena liberdade de a seguir ou de a repelir	149
XIII	Primeiros sentimentos de amor que as graças divinas produzem na alma, antes de ela ter a fé	154
XIV	Amor divino que se recebe pela fé	159
XV	A esperança aumenta o amor de Deus	163
XVI	Como o amor se pratica na esperança	167
XVII	O amor da esperança é muito bom, embora imperfeito	171
XVIII	Na penitência pratica-se o amor. Há várias espécies de penitência	175
XIX	A penitência sem amor é imperfeita	180

XX	Na contrição efetua-se a junção do amor e da dor	183
XXI	Os amorosos atrativos de Nosso Senhor nos auxiliam e acompanham até à fé e à caridade	190
XXII	Breve descrição da caridade	195

LIVRO TERCEIRO

Progresso e perfeição do amor de Deus

I	O amor divino pode ser aumentado cada vez mais em cada um de nós	205
II	Nosso Senhor tornou fácil o aumento do amor	209
III	Como a alma que possui a caridade faz progressos nesta virtude	213
IV	Da santa perseverança no amor de Deus	221
V	A felicidade de morrer no amor de Deus é uma graça especial	226
VI	Nesta vida mortal nunca poderemos conseguir a perfeita união de amor com Deus	230
VII	A caridade dos santos nesta vida mortal iguala, e até excede algumas vezes, a dos bem-aventurados	233
VIII	Do incomparável amor da Mãe de Deus, Senhora Nossa	235
IX	União dos bem-aventurados com Deus	241
X	O desejo precedente aumentará muito a união dos bem-aventurados com Deus	244
XI	Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da divindade	246
XII	Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da geração eterna do Filho de Deus	250
XIII	Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da processão do Espírito Santo	253
XIV	A glória do Céu servirá para a união dos espíritos bem-aventurados com Deus	256
XV	A união dos bem-aventurados com Deus terá diferentes graus	259

LIVRO QUARTO**Decadência e ruína do amor de Deus**

I	Podemos perder o amor de Deus enquanto estamos nesta vida mortal	267
II	Da tibiaza da alma no amor de Deus	271
III	Como deixamos o divino amor pelo amor das criaturas	275
IV	O amor de Deus perde-se num momento ...	279
V	A única causa da falta e do esfriamento do amor de Deus está na vontade das criaturas..	283
VI	Devemos reconhecer como vindo de Deus todo o amor que lhe consagramos	287
VII	Convém evitar toda a curiosidade e aquiescer humildemente à sapientíssima Providência de Deus	292
VIII	Submissão devida aos decretos da Providência divina	299
IX	Dum resto de amor que permanece muitas vezes na alma que perdeu a santa caridade ...	304
X	Quanto este amor imperfeito é perigoso	307
XI	Meio de conhecer este amor imperfeito	310

LIVRO QUINTO**Dos dois principais exercícios do amor sagrado, que se fazem por complacência e por benevolência**

I	Da sagrada complacência do amor, e primeiramente em que ela consiste	317
II	Pela santa complacência tornamo-nos como criancinhas alimentadas por Nosso Senhor...	321
III	A santa complacência entrega o nosso coração a Deus e faz-nos sentir um perpétuo desejo de o gozar	327
IV	Da amorosa condolência pela qual melhor se explica a complacência do amor	333
V	Do amor de condolência e de complacência para com a Paixão de Nosso Senhor	338

VI	Do amor de benevolência que praticamos para com Nosso Senhor por forma de desejo	342
VII	O desejo de exaltar e engrandecer a Deus separa-nos dos prazeres inferiores, tornando-nos atentos às divinas perfeições	346
VIII	A santa benevolência produz o louvor do divino Amado	349
IX	A benevolência faz-nos convidar todas as criaturas a que louvem a Deus	355
X	O desejo de louvar a Deus faz-nos aspirar ao Céu	358
XI	Como praticamos o amor de benevolência nos louvores que o nosso Redentor e sua Mãe dão a Deus	362
XII	Do sumo louvor que Deus dá a si mesmo e do exercício de benevolência que n'Ele praticamos	367

LIVRO SEXTO

Dos exercícios do santo amor na oração

I	A teologia mística, ou oração	377
II	A meditação, primeiro grau da oração ou teologia mística	383
III	A contemplação e a principal diferença que há entre esta e a meditação	389
IV	O conhecimento intelectual de Deus origina o amor neste mundo, mas não a sua excelência	392
V	Segunda diferença entre a meditação e a contemplação	397
VI	A contemplação não causa fadiga: terceira diferença entre esta e a meditação	401
VII	O amoroso recolhimento da alma na contemplação	406
VIII	Como a alma repousa no seu Bem-Amado ..	411
IX	Como se pratica este repouso sagrado	415

X	Os diversos graus desta quietação e como convém conservá-la.....	418
XI	Continuação dos diversos graus da santa quietação e da abnegação de si mesmo que nela algumas vezes se pratica	421
XII	A íntima união da alma com Deus	426
XIII	A ferida do amor	431
XIV	Alguns outros meios pelos quais o amor de Deus fere os corações	436
XV	Da amorosa languidez do coração ferido do amor divino	440

LIVRO SÉTIMO

União da alma com Deus aperfeiçoada pela oração

I	Como o amor produz a união da alma com Deus por meio da oração	455
II	Os diversos graus da união santa feita por meio da oração	462
III	O supremo grau de união, pela suspensão e arrebatamento	468
IV	O arrebatamento e a sua primeira espécie	474
V	A segunda espécie de arrebatamento	477
VI	Sinais do bom arrebatamento e sua terceira espécie	481
VII	Como o amor é a vida da alma. Continuação da vida extática	485
VIII	Admirável exortação de São Paulo à vida extática e sobre-humana	490
IX	O supremo efeito do amor afetivo, que é a morte dos que amam e principalmente dos que morrem amando	494
X	Os que morreram por amor e para o amor divino	499
XI	Como morreram de amor alguns eleitos de Deus	502
XII	História maravilhosa do falecimento de um gentil-homem no monte Olivete	506

XIII	Como a Santíssima Virgem, Mãe de Deus, morreu de amor por seu Filho	512
XIV	Como a gloriosa Virgem morreu de amor infinitamente doce e tranquilo	517

LIVRO OITAVO

Do amor de conformidade pelo qual unimos a nossa vontade à de Deus, expressa nos mandamentos, conselhos e inspirações

I	O amor de conformidade, nascido da sagrada complacência	527
II	A conformidade da submissão que procede do amor de benevolência	531
III	Como devemos conformar-nos com a vontade divina que se chama significada	534
IV	A conformidade da nossa vontade com a que Deus tem de nos salvar	539
V	Conformidade da nossa vontade com a de Deus expressa nos mandamentos	542
VI	Conformidade da nossa vontade com a de Deus expressa nos seus conselhos	546
VII	Como o amor à vontade de Deus, expressa nos mandamentos, nos inspira o amor dos conselhos	551
VIII	Como o desprezo dos conselhos evangélicos é um grande pecado	556
IX	Continuação do antecedente. Como se devem amar, ainda que sem os pôr por obra, todos os conselhos evangélicos, devendo esforçar-nos por praticar alguns deles	560
X	Necessidade de nos conformarmos com a vontade divina, indicada por inspirações, e variedade dos meios de que Deus se serve para nos inspirar	566
XI	Da união da nossa vontade à de Deus, pelas inspirações que recebemos e pela prática ex-	

	traordinária das virtudes. Da perseverança na vocação – primeiro sinal da inspiração	571
XII	União da vontade humana à de Deus nas inspirações opostas às leis ordinárias. Paz e sossego do coração – segunda prova da inspiração	577
XIII	Terceira prova da inspiração, que é a obediência perfeita à Igreja e aos superiores	581
XIV	Processo simples de conhecer a vontade de Deus	586

LIVRO NONO

Do amor de submissão, que identifica a nossa vontade com o agrado de Deus

I	União da nossa vontade à vontade divina, ou agrado de Deus	595
II	Como a união da nossa vontade com o agrado de Deus se realiza principalmente nas tribulações	599
III	A união da nossa vontade ao agrado de Deus, nas aflições espirituais, pela resignação	604
IV	A união da nossa vontade à vontade de Deus pela indiferença	607
V	Como a santa indiferença se estende a todas as coisas	612
VI	Prática da indiferença amorosa nas coisas do serviço de Deus	615
VII	A indiferença que devemos pôr no que se refere ao nosso progresso nas virtudes	621
VIII	Como devemos unir a nossa vontade à de Deus, quando permite os pecados	627
IX	Como a pureza da indiferença se deve exercer nos atos do amor de Deus	631
X	Como se conhece a troca no amor divino	634
XI	Perplexidade do coração que ama sem saber o que é do agrado do Senhor	638
XII	Como em meio das aflições interiores, a alma	

	não percebe o amor que tem a Deus, e da morte amabilíssima da vontade	642
XIII	Como a vontade, morrendo para si, vive realmente na vontade de Deus	646
XIV	Explicação do que se disse relativo à morte da nossa vontade	649
XV	Do mais salutar exercício que podemos fazer no meio das penas interiores e exteriores da vida, depois da indiferença e morte da vontade	654
XVI	Como a alma unida à vontade de Deus se despoja de tudo	659

LIVRO DÉCIMO

Sobre o 1.º mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas

I	Doçura do mandamento que Deus nos impõe de o amarmos sobre todas as coisas	669
II	O mandamento do amor tende para o Céu, mas é dado aos fiéis neste mundo	673
III	Como um coração inteiramente ocupado no amor de Deus pode amar ao mesmo tempo outras coisas	676
IV	Dois graus de perfeição com que este mandamento pode ser observado na terra	681
V	De mais dois graus de maior perfeição com que podemos amar a Deus sobre todas as coisas	686
VI	Como o amor de Deus sobre todas as coisas é comum a todos os que amam	692
VII	Explicação do capítulo precedente	695
VIII	História memorável para nos fazer compreender em que consiste a força e excelência do amor sagrado	700
IX	Confirma-se o que ficou dito com uma notável comparação	707
X	Como devemos amar a divina bondade soberanamente mais do que a nós mesmos	712

XI	Como da santa caridade deriva o amor do próximo	716
XII	Como o amor origina o zelo	720
XIII	Como Deus é cioso de nós	723
XIV	Do zelo ou ciúme que temos por Nosso Senhor	729
XV	Conselhos relativos ao santo zelo	734
XVI	Como o exemplo de alguns santos, que parece terem exercido o seu zelo com cólera, nada prova contra o exposto no capítulo precedente	741
XVII	Como Nosso Senhor praticou os mais excelentes atos de amor	749

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO

Da suprema autoridade que o amor sagrado tem sobre todas as virtudes, ações e perfeições da alma

I	Como as virtudes são agradáveis a Deus	761
II	Como o amor sagrado torna as virtudes infinitamente mais agradáveis a Deus do que elas o são por sua natureza	766
III	Como há virtudes que a presença do divino amor exalta a maior eminência que as outras	771
IV	Como o divino amor santifica ainda mais excelentemente as virtudes, quando são exercidas por sua ordem e preceito	774
V	Como o amor sagrado junta a sua dignidade à das outras virtudes, aperfeiçoando a que lhe é particular.....	779
VI	Do alto mérito que o amor sagrado dá às ações que inspira e às que procedem das outras virtudes	784
VII	Como as virtudes perfeitas não existem umas sem as outras	790
VIII	Como a caridade abrange todas as virtudes ..	796
IX	Como as virtudes haurem a sua perfeição do amor sagrado	802

X	Digressão acerca da imperfeição das virtudes dos pagãos	806
XI	Como as ações humanas perdem o mérito quando praticadas sem o divino amor	814
XII	Como o santo amor, voltando à alma, faz reviver as obras que o pecado aniquilara	819
XIII	Como devemos reduzir ao santo amor toda a prática das virtudes e ações	825
XIV	Prática sobre o capítulo precedente	830
XV	Como a caridade compreende em si os dons do Espírito Santo	833
XVI	Do amável temor das esposas – Continuação do antecedente	838
XVII	Como o temor servil permanece com o divino amor	841
XVIII	Como o amor se serve do temor natural, servil e mercenário	845
XIX	Como o amor sagrado abrange os doze frutos do Espírito Santo e as oito bem-aventuranças do Evangelho	853
XX	Como o divino amor emprega todas as paixões e afetos da alma e os reduz à sua obediência	857
XXI	Como a tristeza é quase sempre inútil e até contrária ao serviço do santo amor	864

LIVRO DUODÉCIMO

Alguns conselhos para o progresso da alma no santo amor

I	Como o progresso no santo amor não depende da compleição natural	879
II	É preciso ter um contínuo desejo de amar ..	881
III	Como, para o desejo do amor sagrado, é preciso suprimir os outros desejos	884
IV	Como as ocupações legítimas não impedem a prática do divino amor	886
V	Exemplo edificante sobre o mesmo assunto	889

VI	Devemos empregar todas as ocasiões na prática do divino amor	890
VII	É necessário praticar as ações com muita perfeição	892
VIII	Processo geral de aplicar as nossas obras ao serviço de Deus	893
IX	Outros meios para aplicar as nossas obras mais particularmente ao amor de Deus	897
X	Exortação ao sacrifício que devemos fazer a Deus do nosso livre-arbítrio	901
XI	Motivos que temos para o santo amor	906
XII	Processo útil de empregar estes motivos	907
XIII	Como o monte Calvário é a verdadeira academia da dileção	909
<i>Índice</i>		915